

AFASIA: CONTINUIDADE OU RUPTURA NA RELAÇÃO GESTO-FALA NA MATRIZ MULTIMODAL DA LINGUAGEM

Maria Lígia Ramos Bezerra Cavalcanti ¹

Monika Lira Malhoit ²

Renata Fonseca Lima da Fonte ³

RESUMO

Este estudo desenvolve a compreensão sobre os dois tipos de afasia: distúrbios de contiguidade e de similaridade. O objetivo foi discutir o processo de continuidade ou ruptura do gesto/fala no funcionamento multimodal da linguagem diante da afasia, a partir do diálogo com a perspectiva de Jakobson (2010). Metodologicamente, selecionamos as leituras das obras de McNeill (1992); Fedosse, Santana (2002); Tomasello (2008); Vezali (2010); Morato (2010); e Fonte, Cavalcante (2016) para dialogar com a teoria Jakobsoniana, onde a concorrência de entidades simultâneas e a concatenação de entidades sucessivas servem como dois modos de combinação da fala com os constituintes linguísticos. A relação fala/gesto/corpo, então, evidencia-se numa perspectiva funcionalista, sócio-cognitiva da linguagem. Assim, envolve diversos sistemas semiológicos e/ou cognitivos para a expressão e a significação da fala, corroborando com a perspectiva multimodal da linguagem, na qual gesto e fala fazem parte de uma mesma matriz de significação. Os textos dos autores ilustram o papel desses elementos multimodais para o funcionamento da comunicação do sujeito, especialmente do indivíduo afásico. Diante dessas perspectivas, concluímos que os processos de fala e gestos combinados na mesma cadeia de funcionamento linguístico, possibilita o desencadeamento das produções corporais da linguagem e da cognição, tornando claro a semiose existente entre a fala, o gesto e o corpo. Dessa feita, percebemos que o contato e a posição do “outro” é necessária para que o afásico se constitua de forma integral na própria linguagem como sujeito.

Palavras-chave: Multimodalidade, Distúrbio de linguagem, Afasia, Expressão do corpo.

INTRODUÇÃO

Dentro do panorama dos estudos multimodais da linguagem, as abordagens reforçam a ideia de indivisão entre o linguístico e o extralinguístico, entre o verbal e o

¹ Mestra do Curso de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, marialigiacavalcanti9@gmail.com;

² Doutoranda do Curso de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, monikalira@hotmail.com;

³ Doutora, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e do Curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, renata.fonte@unicap.br;
Este trabalho foi realizado com o apoio do financiamento da CAPES e PROSUC.

não-verbal, entre o gesto e a fala. Essa consideração caminha na direção de atividades linguísticas situadas, indicando que a cognição é fruto das relações intersubjetivas e sociais realizadas. Esses fatos podem ser percebidos não apenas em interações não patológicas, como também em contextos de desvios de linguagem, aqui visto como uma continuidade em relação ao que ocorre no contexto típico, e não uma ruptura.

Em relação à afasia, o desvio de linguagem que pretendemos focar, em que encontra-se alterações no funcionamento da fala, e está relacionado a variações na gestualidade e/ou nos movimentos musculares e motores da fala, observamos uma interferência na expressão e na compreensão linguística, o que nos remete à ideia de mútua constitutividade entre vários fenômenos para a constituição de nosso corpo.

Explicações sobre a complexidade do corpo inserido no mundo, a intersubjetividade emergente nas interações, a constatação de que a categorização e a interpretação do mundo - “construção de objetos de discurso” (Marcuschi, 2007; Mondada e Dubois, 2003) - admitem que a língua encontra-se, de algum modo, enraizada no corpo como prática sócio-cognitiva. As teorias da percepção e das relações entre o sensorio e o motor estão sempre indicando a relevância do corpo nos processos de significação e de comunicação (VEZALI, 2015, p.718).

Dessa forma, entendemos que o corpo não é isolado em sua positividade como um objeto no mundo, isolado dos homens e suas circunstâncias socioculturais. Também podemos dizer que a percepção do próprio corpo é construída na relação dos indivíduos entre si e com o mundo social para além da percepção “interna” do corpo.

De acordo com Morato (2010) são três os aspectos discursivamente interligados, que salientam a presença constitutiva de um conjunto de semioses verbais e não-verbais nas interações e na expressão como um todo, de um corpo inserido no mundo, e na cognição corpórea. Estes são: a progressão pragmático-enunciativa da interação desenvolvida pelos sujeitos, as ações reflexivas dos sujeitos sobre a produção de sentidos própria e alheia, e as relações intersubjetivas convocadas no desenrolar da interação pelos interactantes.

Na relação gesto/fala, pensando-se em um “GP” - *Growth Point*, conhecido como “ponto de saliência” que representa a unidade mínima da dialética imagem-linguagem, e o pacote de ideias que engloba os diferentes modos semióticos de imagens e codificação linguística; observa-se nos desvios de linguagem uma alteração neurológica decorrente de uma quebra, interrupção ou inacessibilidade de uma parte

diferente do GP e, conseqüentemente, há uma perturbação da dimensão dinâmica em geral.

Contudo, numa reflexão para além do contexto estritamente linguístico, percebemos que não existe um corte operado entre o corporal e o linguístico, pois a gestualidade pode atuar na busca do processo de significação e realização da fala dos sujeitos afásicos. Assim, a relação entre fala e gesto é entendido como um processo dinâmico e intersemiótico que sanciona os sentidos no fluxo da enunciação.

O ato de falar, segundo Morato (2010), não se reduz ao percurso interno da língua ou de qualquer outra estrutura. Assim, em uma perspectiva sociocognitiva da linguagem, a relação fala/gesto/corpo em determinadas circunstâncias interativas, por ser parte integrante da enunciação e envolver processos e estratégias semântico-pragmáticas, torna-se o fenômeno mais instigante a ser investigado.

O objetivo deste estudo, então, foi discutir o processo de continuidade ou ruptura do gesto/fala no funcionamento multimodal da linguagem diante da afasia, a partir do diálogo com a perspectiva de Jakobson (2010). Metodologicamente, selecionamos as leituras das obras de McNeill (1992), Fedosse, Santana (2002), Tomasello (2008), Vezali (2010), Morato (2010), Fonte, Cavalcante (2016) para dialogar com a teoria Jakobsoniana.

Em uma síntese global desses fatores gerais que envolvem os aspectos multimodais da linguagem, abordaremos os seguintes assuntos: a afasia no processo de continuidade ou ruptura do gesto/fala; distúrbios de contiguidade e de similaridade: dois tipos de afasia linguística; e a expressão do corpo na afasia.

Tudo isso, contudo, com a intenção de caminhar para um melhor esclarecimento sobre o lugar do homem na linguagem, para enfim entender que o não-patológico e o patológico necessitam, fundamentalmente, do papel do “outro” para se encontrar inserido na linguagem e no meio social em que vive.

1 A afasia no processo de continuidade ou ruptura do gesto/fala

Entre os diversos transtornos específicos de fala e linguagem, destacaremos a afasia pelo fato desse desvio apresentar-se através de uma perda ou ruptura das habilidades consideradas primordiais, na interação humana, que muitas vezes, pode ser reconhecida através de um acidente vascular cerebral, ou de um trauma que ocasione

uma forte lesão, na área do cérebro, responsável pela linguagem oral, escrita e também gestual.

Estudos tradicionais na área neurolinguística e neuropsicológica tendem a estabelecer dicotomias entre linguagem verbal (oral/escrita) e não-verbal (gestual). Contudo, segundo Fedosse e Santana (2002) a literatura sobre as afasias indicam que além das alterações de linguagem oral e escrita, ocorrem também alterações gestuais. E, conseqüentemente, essa visão dicotômica dos processos linguísticos-cognitivos, acarreta um processo de avaliação e um tratamento terapêutico fragmentado.

Ainda de acordo com as autoras não há uma justificativa plausível para essa divisão entre a oralidade e a escrita, e também entre a fala e o gesto. Pois, por essa perspectiva, há uma interdependência entre esses segmentos, tanto nos aspectos linguísticos como nos cognitivos.

A continuidade gesto/fala torna-se evidente à medida que se assume uma abordagem discursiva da linguagem. Essa abordagem implica, entre outras coisas, considerar os processos de significação relativos à produção e à interpretação da linguagem (verbal e não verbal) em meio às contingências de seu uso social (Coudry, 1986/88 e Morato, 1991/96). Implica também incorporar a noção de trabalho linguístico, a partir do momento em que se considera o *prompting* gestual como uma atividade linguístico-cognitiva de sujeitos afásicos, especialmente dos que apresentam dificuldades para iniciar a expressão verbal. O *prompting* gestual, segundo Fedosse (2000), não só se revela como marca de trabalho linguístico realizado pelo sujeito afásico, mas também acaba por demonstrar interdependência entre os processos de produção dos gestos e da fala (FEDOSSE, SANTANA, 2002, p.244).

Dessa forma, levando-se em consideração a relação entre a linguagem verbal (oral e escrita) e a não verbal (gestual) no *continuum* linguístico-cognitivo entre tais processos de significação, a afasia explicita as diferenças e semelhanças entre os modos de produção de uma linguagem e outra. Em alguns momentos, para se comunicar, o sujeito parte da fala para a escrita, em outros da escrita para a fala, ou em outras alternativas, ainda, do gesto para a fala, existindo uma interdependência entre elas nos aspectos linguísticos e cognitivos.

A abordagem terapêutica PROMPT (Prompts for Restructuring Oral Muscular Phonetic Targets), então, conforme Fedosse e Santana (2002) surge como uma dinâmica táctil de tratamento das perturbações dos sons da fala, baseada na utilização de pistas proprioceptivas, cinestésicas e de pressão, que tem por objetivo ajudar os afásicos a

ganhar o controle voluntário do sistema motor da fala, e, por conseguinte, obter uma maior funcionalidade de sua linguagem.

Dentro da abordagem *Prompt*, segundo as autoras, destaca-se o *prompting* fonético, que corresponde ao gesto articulatório e o *prompting* escrito, que por sua vez, corresponde ao gesto da escrita da palavra. Assim, o *prompting* gestual não só se revela como uma marca de trabalho linguístico-cognitivo realizado pelo sujeito afásico, que apresenta dificuldades para uma iniciação de expressão verbal, como também acaba por demonstrar uma interdependência entre os processos de produção dos gestos e da fala.

A partir de uma perspectiva multimodal e de casos de sujeitos com afasia, o estudo de Fonte e Cavalcante (2016) revelaram que os gestos apresentam diferentes papéis: promovem a emergência da linguagem oral e a fluência da fala, bem como contribuem para a reorganização linguística.

Sendo a linguagem, conforme o pensamento saussuriano, multiforme, heteróclita e um processo semiótico por excelência, ela também se caracteriza como a atividade constitutiva do sistema linguístico, da interação social e das relações dos sujeitos com o mundo real. Esse fato, contudo, na visão de Franchi (1977), acarreta no conceito de “trabalho linguístico” ser decorrente da concepção de que existe, de alguma forma, uma certa zona de indeterminação da linguagem.

Em relação a formulação do conceito de “trabalho linguístico”, Geraldini (1990/91) traz a sua contribuição ao postular que esse se apresenta como ininterrupto, contínuo, realizado por diferentes sujeitos, em diferentes momentos históricos, em diferentes formações sociais. “O trabalho contínuo dos falantes de uma língua realiza-se no embricamento de dois níveis: *o da produção histórica e social de sistemas de referências* (Franchi, 1977) e *o das operações discursivas*” (FEDOSSE, SANTANA, 2002, p.245).

Conforme essa interpretação do autor de “trabalho linguístico” são produzidos, ao mesmo tempo, os *sistemas de referência*, pelos quais as expressões linguísticas tornam-se significativas; e as *operações discursivas*, que remetem aos sistemas de referência, viabilizando a intercompreensão dos processos de interlocução. Então, por essa visão, compreendemos que a produção e a interpretação de sentidos pelos interlocutores são viabilizadas por tais operações, que, inclusive, apresentam-se como ações que os sujeitos fazem *com* e *sobre* a linguagem, assim denominadas por ações metalinguísticas e epilinguísticas respectivamente. Essas são viabilizadas pela condição especial da linguagem de ser reflexiva.

Por sua vez, Coudry (1986/88), ao tratar sobre esse conceito, caminha na mesma direção desse entendimento e afirma que os sujeitos afásicos realizam “trabalho linguístico”, da mesma forma que os sujeitos não afásicos. Contudo, a metodologia tradicional de avaliação e tratamento de sujeitos afásicos não permite que esse trabalho se evidencie, já que os testes padronizados operam com a metalinguagem tendo em mente um “sujeito linguístico ideal” que domine a gramática normativa da língua oral e da escrita.

Por outro lado, o terapeuta também se considera um “sujeito ideal”, que não comete parafasias, não possui dificuldades de encontrar palavras, e não recorre ao gesto durante a oralidade. “No entanto, não raras as vezes, depara-se com frases do tipo: ‘está na ponta da língua’, ‘começa com a letra *a*’ mas não consigo lembrar o nome’ ou, ainda, ‘aquele negócio assim o (e faz o gesto do objeto)’” (FEDOSSI, SANTANA, 2002, p. 246).

Dessa forma, percebemos que os entraves da língua oral podem ocorrer também em sujeitos não afásicos, cotidianamente. Evidentemente, na situação dos afásicos as dificuldades de acesso lexical são consideravelmente maiores, porém casos como os citados acima podem acontecer de formas diferentes nas mais diversas situações do dia a dia, e os gestos são utilizados como facilitadores desse processo.

Por essa perspectiva compreendemos que os gestos são atividades aprendidas em meio a interação social e possuem estatuto simbólico. McNeill (1992) credita ao gesto a mesma origem cognitiva que a linguagem oral. Gesto e fala, na visão do autor, são sistemas unitários produzidos no interior de uma mesma matriz de significação, adquiridos e desenvolvidos conjuntamente, onde a princípio são concretos e icônicos e depois tornam-se metafóricos e abstratos.

A condição dos afásicos é uma boa maneira de exemplificar o fato de que ambos, gesto e fala, possuem a mesma origem, pois há uma alteração conjunta das duas modalidades. Na visão de McNeill (1992) o gesto e a fala têm a mesma função, significado, desenvolvimento e dissolução.

Contudo, apesar do gesto e fala seguirem o mesmo processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, McNeill faz um destaque para algumas de suas diferenças, pois a fala é linear e segmentada, onde os fonemas combinam-se em sílabas e transformam-se em palavras, que, por sua vez, combinadas formam sentenças, elaboram pensamentos e criam discursos. Assim, pensamos em um movimento da fala que surge das pequenas partes para o todo. Já o gesto, na visão do autor, é global e

sintético, e, contrário da fala, seu movimento é do todo para as partes. Não existe uma estrutura hierárquica de gestos, e eles não precisam se combinar para formar um gesto maior. “Essa ‘não-combinação’ contrasta com a estrutura da língua. Os gestos são simbólicos e, por si só, expressão completa de sentidos” (FEDOSSE, SANTANA, 2002, p. 246).

De acordo com essa visão, quando a expressão gestual está mais preservada, os sujeitos afásicos podem servir-se dos gestos para minimizar suas dificuldades de expressão verbal e, assim, conseguirem produzir sentidos. Dessa forma, no momento em que as dificuldades com a linguagem oral aparecem com uma maior intensidade, o gesto pode ser utilizado não somente como uma alternativa de significação, como também uma forma estruturante para a fala. Assim, o *prompting* fonético (gesto articulatório) e o *prompting* escrito (gesto da escrita da palavra) funcionam como um apoio para a produção da oralidade ou da escrita para o sujeito afásico.

A afasia é um transtorno que afeta a linguagem de formas diferentes. Em alguns casos a parte mais afetada é a fala em comparação a escrita, em outros, percebe-se uma maior alteração na compreensão e interpretação do que na produção da fala, e, em outras ocasiões ainda, a leitura é mais afetada do que a fala, e assim por diante, podendo também as habilidades práticas e gestuais serem afetadas em uma maior ou menor proporção.

Uma vez compreendido o estatuto simbólico do gesto, assim como o da linguagem verbal, e a interrelação entre essas duas modalidades de linguagem, atentamos para a seguinte afirmação de Vygotsky (1934/84):

O processo de aquisição e desenvolvimento da escrita (um simbolismo de segunda ordem) é mediado pela fala (um simbolismo de primeira ordem). No caso das afasias, observamos tanto a fala quanto os gestos orientando a produção escrita, bem como gestos e escrita orientando a produção oral (FEDOSSE, SANTANA, 2002, p.247).

Diante disso, as autoras ressaltam que a *fala* também pode ser interpretada como um simbolismo de *segunda* ordem e, possibilitada pelo *gesto*, um simbolismo de *primeira* ordem. Assim, um simbolismo de primeira ordem sempre está relacionado a outro de segunda ordem, e essa relação não é fixa nem imutável, pois quem determinará a ordem dessas relações da modalidade de linguagem, nas diferentes interações sociais e no seu trabalho linguístico é o próprio sujeito. O processo de reconstrução da linguagem

verbal de afásicos, então, torna-se possível diante dessa interdependência de características simbólicas, cognitivas e interativas que ambos, gesto e fala, apresentam.

Como vimos, o gesto é um facilitador na reabilitação da fala de sujeitos que apresentam transtornos de linguagem, apesar de o gesto e a fala serem temas tratados historicamente na afisiologia, de forma dissociada por alguns autores.

2 Distúrbios de contiguidade e de similaridade: dois tipos de afasia linguística

Sabe-se que afasia é um desvio da linguagem que pode ser provocado por um acidente vascular cerebral, um traumatismo craniano encefálico, tumores cerebrais ou por problemas neurológicos por acidente de veículo, gerando perturbação linguística. No entanto, é importante compreender quais os aspectos da linguagem que são prejudicados. Conforme Jakobson (2010) pode-se dizer que a concorrência de entidades simultâneas e a concatenação de entidades sucessivas são os dois modos segundo os quais, nós que falamos combinamos os constituintes linguísticos para formar sentidos e nos comunicarmos.

Os estudos da ruptura em decorrência da afasia nos leva, primeiramente, a tentar compreender à natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que parou de funcionar: a expressão e/ou a compreensão da linguagem. Quando falamos, selecionamos e combinamos as entidades linguísticas de um grau alto de complexidade. No nível lexical, selecionamos palavras e as combinamos em frases e, estas, são combinadas em enunciados. Tudo isso de acordo com a língua que utilizamos.

O ato da fala exige um código comum entre os seus participantes para que a comunicação tenha eficácia. Com exceção dos neologismos, o repertório deve ser comum entre aquele que fala (o emissor) e aquele que recebe (o destinatário). Segundo Jakobson (2010) na troca de informação, o que fala e o que ouve têm à sua disposição, de certa forma, o mesmo “fichário de representações pré-fabricadas”, e o destinatário escolhe uma dessas “possibilidades preconcebidas”.

Há dois modos de arranjo, então, em todo signo linguístico: a combinação e a seleção. Há variações de afasia, no entanto, todas oscilam entre esses dois tipos. Qualquer unidade linguística serve de contexto para unidades mais simples ou depara-se no seu próprio contexto em uma unidade mais complexa, ou seja, combinação e contextura são as duas faces de uma mesma operação.

No outro polo, que vem a ser o de seleção, existe a alternância de termos pela possibilidade de substituição das palavras. Seleção e substituição também são faces de uma mesma operação. Na afasia, um ou outro tipo de arranjo é reduzido ou totalmente bloqueado tornando o estudo desse distúrbio esclarecedor para os linguistas.

O distúrbio da contiguidade nos afásicos é verificado pela ausência ou bloqueio da combinação e contextura, relacionadas a metonímia. Por conseguinte, a metonímia é incompatível com tal distúrbio. Isso acontece porque no sujeito afásico há deterioração da capacidade de construir proposições e também de combinar entidades linguísticas mais simples em unidades mais complexas.

Há deficiência quanto ao contexto onde a variedade e extensão das frases diminuem. Percebe-se uma perda das regras sintáticas chamadas de agramatismo onde há uma desordem das palavras e os vínculos de coordenação e subordinação gramaticais dissolvem-se, afetando a função do contexto e reduzindo o discurso em enunciados de frases, até mesmo de uma só palavra. Na medida que o contexto desagrega, as operações de seleção prosseguem usando as similitudes aproximando-se das metáforas.

Já nos afásicos com distúrbio de similaridade inexistem as operações linguísticas de seleção e substituição, havendo, pois, a impossibilidade do uso das metáforas. Nesse caso, o contexto e a combinação constituem fatores primordiais e decisivos na linguagem desses sujeitos.

O afásico continua e complementa as palavras e frases numa linguagem reativa, dando continuidade com facilidade a uma conversa, mesmo tendo dificuldade em iniciar um diálogo. A compreensão de um monólogo torna-se mais complexa, pois precisa e depende dos contextos para o funcionamento mais efetivo de sua fala. Melhor dizendo, ele responde as frases das réplicas de seus interlocutores, ou reagem a uma situação real e presente com uma maior eficácia.

Para melhor exemplificar, tomaremos como modelo a frase: “um dia de sol”. O sujeito afásico com esse distúrbio só encontra o caminho para a elaboração dessa frase quando ele perceber que o dia realmente está ensolarado. Dessa feita, quanto mais se aproxima o enunciado verbal ou não verbal do contexto, a possibilidade de lograr êxito em tal paciente afásico com distúrbio de similaridade é bem maior.

Nesse tipo de afasia, conforme Jakobson (2010), identificamos a forma restrita de utilização das palavras, e a dificuldade em selecionar ou entender as formas sinônimas de engajamento das mesmas. Refletiremos, então, na expressão de um paciente de Goldstein, quando diz: “Tenho um bom apartamento, hall de entrada, dormitório,

cozinha. Há também apartamentos grandes, só que nos fundos vivem solteiros”. Nesse contexto, a capacidade de pensar em uma forma de explicar esse mesmo anúncio, com um enunciado de palavras diferentes é impossibilitada em virtude do distúrbio de similaridade.

Uma forma mais explícita, como a formulação do enunciado com o grupo de palavras: “pessoas não casadas” que poderia facilmente ser substituída por “solteiras”, torna-se inviável para esse tipo de afásico. Assim, uma vez o termo “solteiro” ter sido escolhido de forma universal pelo paciente, mesmo este sendo estimulado a dizer o que significaria uma pessoa solteira, o sujeito além de não ser capaz de responder, demonstra a sua angústia de forma aparente.

Uma resposta como “solteiro é um homem não casado” ou “um homem não casado é solteiro” teria constituído uma predicação equacional e assim uma projeção de um grupo de substituição, do código lexical da língua portuguesa, no contexto da mensagem em questão. Os termos equivalentes tornam-se duas partes correlativas da frase e por conseguinte se unem por um laço de contiguidade. O paciente era capaz de escolher o termo apropriado “solteiro” quando era apoiado pelo contexto de uma conversa habitual sobre “os apartamentos de solteiro”, mas mostrou-se incapaz de utilizar o grupo de substituição “solteiro=homem não casado” como tema de uma frase porque a capacidade de seleção e substituição autônoma tinha sido afetada (JAKOBSON, 2010, p.55-56).

Dessa forma, um afásico desse tipo não associa uma palavra a seus sinônimos, nem a seus heterônimos. Assim como, também, passam por uma perda de habilidade bilíngue, ficando limitados a um a única variedade dos dialetos de apenas uma só língua.

Observa-se que, nessas condições, o indivíduo com distúrbio de similaridade, quaisquer relações semânticas serão guiadas pela contiguidade e não pela similitude. Ele tem a possibilidade de captar as palavras no seu sentido literal, real, e nunca metafórico. A metonímia é o caminho linguístico percorrido e compreendido por tal sujeito afásico.

Assim, quando a capacidade de seleção e substituição são atingidas, e a combinação e contextura são preservadas, a contiguidade impera no linguajar ou no comportamento verbal do paciente com distúrbio de similaridade.

Por essa perspectiva, percebemos uma grande dificuldade na seleção de palavras do paciente. Ele seleciona sempre o mesmo signo linguístico, no entanto, devemos nos atentar as marcas prosódicas e gestuais que determinam o sentido do enunciado. O sentido certamente se modifica e o que é selecionado não diz respeito à mesma unidade.

Por exemplo, um afásico preso na cadeia sintagmática “chega mais”, pode ter o seu sentido atualizado a cada instância enunciativa. “A prosódia molda a materialidade, de tal forma que não se tem exatamente um esqueleto sintático que precisa ser preenchido nos seus lugares vazios” (SCARPA, 1999, p.258).

Um mesmo “chega mais” pode ser considerado muito além da junção de fonemas que o compõe. “De fato, as manifestações do sentido parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da forma” (BENVENISTE 1989, p.221). Assim, a forma “chega mais” fica repetida, porém seus sentidos são múltiplos e gerados a partir da prosódia e gestualidade, a cada ato enunciativo. A partir da proposta do signo multimodal, a porção do significado é preenchida ora com gestos, ora com prosódia e ora com ambos. Assim, é visivelmente notável o papel fundamental que a prosódia e a gestualidade possuem para os diferentes significados gerados na mesma materialidade fônica. A fixidez fônica de um significante acompanhada de significado gera a cada situação enunciativa um novo signo linguístico.

Cabe a área médica e a fonoaudiologia reconhecerem esses distúrbios da fala em diversos graus, e, dessa forma, distinguir a área mais afetada, pois tal distinção é importante para a descrição, classificação, e uma minuciosa análise das diferentes formas que os pacientes afásicos são atingidos. Assim como, tal reconhecimento, também se mostra de fundamental importância para a melhor contribuição dos processos de reabilitação desses sujeitos.

Quando a deficiência principal reside na combinação e contextura, sabe-se que o distúrbio é de contiguidade, e, do contrário, quando a falha primordial é a de seleção e substituição, o distúrbio é de similaridade. Um ou outro tipo de distúrbio é reduzido ou totalmente bloqueado. Dessa forma, acreditamos, que os linguistas comprometidos com tais pacientes presumem que tal esclarecimento facilite o caminhar numa perspectiva de tratamento ou, no mínimo, na descoberta do melhor entendimento entre o sujeito afásico e seu interlocutor. “Sejam quais forem os fatores de alteração, que funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o significante e o significado” (SAUSSURE, 2012, p.89).

Assim como a combinação e contextura estão relacionadas a metonímia. No postulado do sistema saussuriano, essa relação encontra-se representada no eixo horizontal da fala, estabelecida numa relação sintagmática, que envolve as unidades mais simples que encontra o seu próprio contexto em uma unidade linguística

complexa. Bem como as questões linguísticas de substituição e seleção encontram-se no eixo vertical da língua, nas relações paradigmáticas e metafóricas, onde está a capacidade que têm as palavras de substituir uma a outra, com a mesma significação.

Segundo Saussure (2012) é a forma racional que deve assumir o estudo linguístico. As dicotomias, então, foram criadas através do pensamento saussuriano de criar um padrão linguístico único, com uma terminologia adequada, precisa, objetiva e de alcance universal, no qual pudesse ser promovido um melhor entendimento do âmbito geral da linguagem através de uma abordagem universal.

A linguística ressentia-se de uma linguagem equívoca, verdadeira colcha de retalhos terminológica, e Saussure necessitava de uma linguagem unívoca, de um padrão linguístico, de uma metalinguagem, isto é, de uma nova linguagem para expressar suas elocubrações. Sua primeira tarefa, portanto, foi “limpar” o terreno para depois trabalhar (CARVALHO, 2013, p.26).

O entendimento dos padrões linguísticos, contudo, faz com que não somente possamos compreender o desenvolvimento típico da linguagem, como também tenhamos um olhar mais abrangente e norteador de como é regido o funcionamento nos casos de desvios de linguagem, de sujeitos atípicos.

Em uma enunciação, o próprio ato de fala, as situações em que este ato de fala acontece e os instrumentos utilizados em sua realização, estão todos submetidos ao princípio da irrepetibilidade. Única é a condição do homem na língua, pois uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível. É na instância de discurso, na qual *eu* designa o locutor, *tu*, que este se enuncia como “sujeito”. É, portanto verdade, de acordo com essa perspectiva, que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. O locutor se apropria do aparelho formal da enunciação, utilizando as condições para que este se constitua. *Eu* e *tu* se alternam reciprocamente no papel de pessoa, no qual o *tu* é a condição para que o *eu* possa existir.

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (BENVENISTE, 2006, p.84).

Assim, em tais distúrbios citados acima, contiguidade e similaridade, a presença do “outro” benvenistiano é de fundamental importância para que haja uma percepção linguística inerente, no sentido de proporcionar nos indivíduos afásicos um caminhar

profícuo e mais evidente da posição linguística de cada sujeito. Nessa perspectiva, pode-se compreender que a alternância entre o par *eu/tu* dá a amplitude necessária para uma adequada reabilitação daqueles que possuem e enfrentam o desafio de conviver com um desvio da linguagem.

3 A expressão do corpo na afasia

Diferente dos outros transtornos que apresentam-se na fase de aquisição da linguagem infantil, na afasia, o sujeito que já se encontrava inserido no contexto interacional e social, e que tinha o seu corpo funcionando devidamente como uma rede de relações do *continuum* corpo/cognição/pensamento/linguagem/interação sofre uma perda inesperada de tais funções precisando assim, encontrar caminhos de reabilitação na reconquista do ser integral. Na afasia o sujeito enfrenta o processo de reencontrar-se nessa rede de relações do *continuum* na busca de inserir-se novamente no contexto social.

Quando estudamos a afasia, e com ela convivemos, um dos aspectos importantes e centrais para ser observado é o entendimento do corpo humano em todas as suas complexidades. No que diz respeito ao corpo, e as sequelas derivadas das áreas cerebrais afetadas, várias são as suas características, em graus diferenciados. Sendo assim, podemos supor os impactos na comunicação e significação desses indivíduos. Pois, é de extrema relevância o reconhecimento de sua identidade pessoal e social no meio em que se encontra.

De acordo com Vezali (2010), ao tratar sobre a complexidade corpórea para traçar uma reflexão de base linguístico-interacional sobre o corpo em contextos de afasia, o autor toma como base o pensamento de Tomasello (2008) que entende o corpo humano como uma “emergência” constituída de expressividade que abordam os aspectos sociais e cognitivos da linguagem.

Dessa forma, a noção de corpo que se pretende analisar ultrapassa a consideração apenas da presença semiótica do corpo nas interações e produções de sentido, ou até mesmo da expressão corporal ou da fala. De acordo com Morato (2010) a complexidade corpórea envolve uma rede de relações de mútua constituição entre elementos que ultrapassam as fronteiras de um corpo entendido em seu sentido natural.

Por esse motivo, o corpo não pode ser visto apenas como objeto ou como uma espécie de símbolo, uma vez que a interação humana é complexa e subjetiva, sobretudo

quando nos deparamos com um quadro afásico, em que a linguagem, em seu aspecto estrutural, está alterada ou reorganizada em formas alternativas ou compensatórias, e as ocorrências efetivas de interação nas relações entre linguagem e cognição encontram-se estreitadas.

O entendimento, de forma geral, da noção de corpo nos estudos sobre a linguagem e sobre a cognição, na nossa percepção, é imprescindível não somente para melhor compreender-se a afasia, como também qualquer outro desvio de linguagem. Conforme Morato (2002), em ambos os âmbitos, da saúde e social, múltiplos e variados são os preconceitos que ainda interferem em um melhor entendimento da corporeidade afásica. A falta de informação sobre os sintomas e os tratamentos associados ainda é pouco explorado, apesar de haver uma alta incidência de indivíduos afásicos.

Por essa perspectiva, percebemos que a busca por uma melhor compreensão da ação humana, assim como do funcionamento da própria linguagem em interação, e os fatores que levam as pessoas a atingir seus propósitos comunicacionais se apresentam como um caminho que pode favorecer o processo de reabilitação do sujeito afásico.

As ideias pré-concebidas sobre a situação do afásico ocorre nos mais variados âmbitos e contextos sociais, a começar pelo julgamento deturpado de que uma vez afásico, o sujeito não terá chances de recuperar as suas habilidades cognitivas e linguísticas anteriores ao acidente pela suposição de que o tecido cerebral não se regenera. Há também o preconceito social no qual julga-se que o afásico deve sair de sua vida social e ocupacional ativa. No contexto legal, existe o preconceito de que o sujeito não possui mais a habilidade de discernimento e julgamento, sendo assim, não mais está hábil para gerenciar os seus bens, patrimônios próprios e seus compromissos de cidadão.

Quanto ao preconceito trabalhista acredita-se que o afásico não estará mais apto a exercer o seu trabalho e nem mesmo enquadrar-se em uma nova profissão. No eixo previdenciário, acredita-se que a aposentadoria é o melhor caminho a seguir. No âmbito da saúde, em virtude da precariedade do sistema de saúde pública, há uma falta de acompanhamento médico eficaz e adequado.

E, por fim, em termos gerais da vida cotidiana, o afásico lida com o preconceito linguístico, pois percebe-se um desinteresse interacional e comunicacional pela falsa ideia de que, pelo fato dos sujeitos afásicos não falarem, eles também não pensam. Segundo Morato (2010) esse último preconceito pode relacionar-se, inclusive, com os indivíduos pertencentes a classes sociais menos privilegiadas que utilizam uma

variedade linguística que se encontra, de certa forma, excluída da forma padrão da língua da camada social dominante. “Imaginemos, então, o que sofre o afásico em relação a isso” (MORATO, 2010, p. 246).

Todos esses fatores geram maiores consequências, de forma negativa, na busca de uma melhoria de vida e capacidade de reabilitação do afásico, pois a qualidade da interação social é um aspecto fundamental para a recuperação das habilidades linguísticas e comunicativas dos sujeitos que enfrentam esse desafio. Ainda, de acordo com o autor, a constituição do corpo em linguagem perpassa por relações de mútua constitutividade entre os vários sistemas semióticos, e entre as várias formas de cognição que fazem emergir o corpo: unidade formada a partir da relação entre o “eu” e o “outro”.

O enfrentamento e a convivência com dificuldades práticas e motoras, e com aquelas advindas da postura corporal assumida no momento pós-afasia, demandam a influência de um grande conjunto de fatores, como a postura individual de cada um ao mudar atitudes, superar preconceitos, enfrentar as injunções sociais excludentes, além do envolvimento de familiares e pessoas mais próximas (MORATO, 2010, p. 246).

Acreditamos, por essa perspectiva, que o corpo deve ser compreendido como uma realidade polissêmica, pois as questões geradas pelos transtornos de linguagem transcende o corpo próprio desses sujeitos, pelo fato da necessidade de emergir a partir da integração e comunicação com os outros, que fazem parte do corpo social.

Assim, os vários e diferentes sistemas semióticos e cognitivos, incluindo a linguagem, atuam de maneira mutuamente constitutiva e/ou complementar para a expressão e a significação no corpo. Isso ocorre na relação entre fala e gesto na interação, incluindo o outro “intersubjetividade”, e na relação entre sujeitos “subjetividades”.

Por consequência disso, pressupomos que o corpo não é isolado em sua positividade como um objeto no mundo, isolado dos homens e suas circunstâncias socioculturais. Também podemos dizer que a percepção do próprio corpo é construída na relação dos indivíduos entre si e com o mundo social para além da percepção “interna” do corpo. Sem adentrarmos muito em questões neuropsicológicas e fisiológicas, focando nosso interesse em uma perspectiva sociocognitiva da linguagem, por estarmos mais atentos aqui aos contextos de produção de fala, podemos observar uma estreita relação do corpo e do gesto articulatório (a fala), uma continuidade sensório-motora no ato verbal e na

produção discursiva, envolvendo vários sistemas semiológicos e/ou cognitivos para a expressão e a significação (MORATO, 2010, p.247).

Ambos, a linguagem e o corpo, compartilham das mesmas habilidades expressivas que emergem em interações, formando esquemas que não possuem “fronteiras” definidas. Por meio de uma extensa reflexão, Merleau-Ponty (2011) estabelece que, ontologicamente, não é possível separar os elementos perceptivos (aquilo que é dado à percepção) da própria percepção (significação). Assim, ele propõe que o problema principal de “todas” as explicações para a linguagem/pensamento, inclusive a sua própria fenomenologia praticada em trabalhos anteriores, está na consideração do signo externo à significação.

Porém, segundo o autor, o signo seria interno à significação, relação constituída como dois momentos de um mesmo sistema: o externo e o interno, o sensorio e o motor, o signo e a significação, o sujeito e o objeto, a cognição e o inteligível e assim sucessivamente.

METODOLOGIA

Utilizamos como metodologia a seleção das leituras das obras de McNeill (1992); Fedosse, Santana (2002); Tomasello (2008); Vezali (2010); Morato (2010); e Fonte, Cavalcante (2016) para dialogar com a teoria Jakobsoniana. No discorrer da discussão entre os citados autores, analisamos o processo de continuidade ou ruptura do gesto/fala no funcionamento multimodal da linguagem diante da afasia.

Os constituintes linguísticos, segundo Jakobson (2010), em relação aos dois tipos de afasia: distúrbios de contiguidade e de similaridade, estão respectivamente ligados às figuras de linguagem que correspondem a metonímia e a metáfora. Sendo assim, os indivíduos afásicos apresentam as suas dificuldades na concorrência de entidades simultâneas e na concatenação de entidades sucessivas.

Diversos sistemas semiológicos e/ou cognitivos para a expressão e a significação da fala, corrobora com a perspectiva multimodal da linguagem, na qual gesto e fala fazem parte de uma mesma matriz de significação. Assim, os textos dos autores ilustram o papel desses elementos multimodais para o funcionamento da comunicação do sujeito, especialmente do indivíduo afásico. A relação fala/gesto/corpo, então, evidencia-se numa perspectiva funcionalista, sócio-cognitiva da linguagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo desenvolve a compreensão sobre os dois tipos de afasia: distúrbios de contiguidade e de similaridade. O primeiro compreende o desvio ou bloqueio na combinação e contextura relacionadas a metonímia que por conseguinte é incompatível com tal distúrbio; o segundo, inexistem as operações linguísticas de seleção e de substituição, havendo a impossibilidade do uso das metáforas.

Diante das discussões encontradas nas obras analisadas, obtivemos como resultado a importância dos elementos multimodais da linguagem para o funcionamento da comunicação do indivíduo, em especial do sujeito afásico. Diante dessas perspectivas, concluímos que os processos de fala e gestos combinados na mesma cadeia de funcionamento linguístico, possibilita o desencadeamento das produções corporais da linguagem e da cognição, tornando claro a semiose existente entre a fala, o gesto e o corpo. Como resultado, compreendemos que o contato e a posição do “outro” é necessária para que o afásico se constitua de forma integral na própria linguagem como sujeito, podendo sentir-se novamente inserido no meio social em que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse de algumas áreas da linguística pelos aspectos multimodais da linguagem, elementos não-verbais, e gestuais utilizados na interação face a face é recente e, primeiramente, considerava a gestualidade como fenômeno co-ocorrente, alternativo ou compensatório à fala. Contudo, compreendemos, hoje, que a fala e o gesto estão embrulhados em uma mesma matriz de funcionamento linguístico/cognitivo de funcionamento da linguagem.

Porém, indo mais além, este estudo apresentou um interesse no que diz respeito à importância dos elementos não-verbais não apenas para as interações em casos típicos de linguagem, mas, principalmente, para a compreensão dos significados em contextos de interação entre afásicos/não-afásicos, entendendo, de forma geral, a fundamental presença do “outro” para um processo de reabilitação dos quadros de desvios de linguagem.

Observamos que a inter-relação entre os processos de linguagem e gesto que se encontram na afasia, potencialmente alteradas, encontram contornos nos mecanismos metodológicos de inclusão do material gestual na interação entre indivíduos, considerando o “não-verbal” na significação e, por conseguinte, possibilitando o desencadeamento das produções corporais da linguagem e da cognição, tornando claro a semiose existente entre a fala, o gesto e o corpo, em uma só composição corpórea.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- CARVALHO, Castelar de. Para compreender Saussure: **Fundamentos e visão crítica** / Castelar de Carvalho. 20. ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COUDRY, Maria I. H. (1986/88). Diário de Narciso: **discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FEDOSSE, E. (2000a). Da relação linguagem e praxia: **estudo neurolinguístico de um caso de afasia**. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, Instituto de Estudos Linguísticos.
- FEDOSSE, E. (2000b). **O papel estruturante do prompting fonético na expressão verbal de sujeitos afásicos**. In: 4 ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, Universidade Federal do Paraná.
- FEDOSSE, Elenir; SANTANA, Ana. **Gesto e Fala: continuidade ou ruptura?** Distúrbios de comunicação, São Paulo, 13 (2), p. 243-255, 2002.
- FONTE, R.; CAVALCANTE, M. C. B. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica fonoaudiológica. In: Montenegro; C; Rêgo Barros, I; Azevedo, N. (Orgs.). **Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática**. Curitiba: Appris, v. 1, p. 205-225, 2016.
- FRANCHI, C. Linguagem - Atividade Constitutiva. In: Almanaque, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p.9-27.
- GERALDI, João Wanderley. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- JAKOBSON, Roman. **“Dois aspectos da linguagem e dois aspectos de afasia”**. In: Linguística e Comunicação. São Paulo, Cultrix, 2010.

MCNEILL, David. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago, University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, David. *So you think gestures are nonverbal?* **Psychological Review**, v. 92, n.3, p.350-371, 1985.

MCNEILL, David. *Gesture and Language* Dialectic. Acta Linguística Hafniensia: Internacional Journal of Linguistics. V.34, n.1, p.7-37, 2002.

MCNEILL, David. *Gesture and Thought*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MORATO, E. M. **Linguagem e Cognição**: as reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo, Plexus.

MORATO, Edwiges. **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCARPA, Ester. **Sons preenchedores e guardadores de lugar: relações entre fatos sintáticos e prosódicos na aquisição da linguagem**. In: SCARPA, Éster (org.) Estudos de prosódia. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

SCARPA, Ester. (Ainda) **sobre o sujeito fluente**. In: LIER-DEVITTO, M. F. (Org). Sobre a Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2006. P. 161-180.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOMASELLO, Michael. *Origens of human communication*. Boston (Mass): MIT Pres, 2008.

VEZALI, Patrick. **Linguagem, corpo e afasia**. In: Morato, E. (Org.). A semiologia das afasias: **perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 243-277.

VEZALI, Patrick. **Relações entre fala e gesto: a referenciação multimodal**. Atas do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Itália, 2015.



1º CONEIL

Congresso Nacional em
Estudos Interdisciplinares
da Linguagem



www.coneil.com.br
contato@coneil.com.br